

NOME DA PUBLICAÇÃO: Revista J Magazine

TIPO: Periódico

DATA: Fevereiro de 2011

O CARONA

Conheci o bairro do Parí, em São Paulo, a poucos meses atrás. Enquanto dirigia pelas avenidas e ruas da capital, um amigo sentado ao meu lado dizia-me passo a passo o caminho correto para o meu destino, afinal, sua experiência na cidade lhe dava este privilégio. Tentei voltar ao Parí sem companhia por outras vezes. Consegui acertar o caminho em todas as minhas tentativas, pelo simples fato de eu estar no volante do carro quando da primeira vez, com toda a atenção necessária.

Conheci também o bairro do Tremembé em outra ocasião. Desta vez, porém, eu me encontrava como um simples carona. Fui conversando e não prestei tanta atenção ao caminho, apenas me deixei levar, na confiança do meu condutor. Tentei voltar ao Tremembé outras vezes, sozinho, conduzindo meu próprio carro. Errei o caminho em todas elas. Concluí que quando você é apenas o carona, sua atenção no caminho é extremamente menor do que quando se está ao volante. Aprendi que é demasiadamente difícil voltar a qualquer lugar em que não se tenha prestado a devida atenção.

O Brasil encontra-se atualmente perdido no caminho da economia mundial, como eu ao caminho do Tremembé. Nossa condição é igualmente a de simples carona no mundo econômico, acomodados como passageiros ao lado de China e Índia, motoristas do desenvolvimento. Atentos ao trânsito, conduzem o veículo que nos levará juntamente ao mesmo destino, enquanto descansamos eternamente em berço esplêndido. Já são oito anos pegando carona no mundo, sem mover um simples músculo. A comodidade de ter a certeza que chegaremos ao destino, nos deixa demasiadamente desatentos e confiantes nos motoristas. Quando exportarem mais, também elevaremos nossa balança comercial. Se entrarem novamente em crise, também seremos afetados. Enfim, estaremos sempre no mesmo destino de China e Índia, porém não seremos capazes de retornar novamente por nossos próprios méritos. Não voltaremos ao Tremembé sozinhos. Dependemos sempre de alguém que nos possa conduzir pelo caminho certo, que nos dê a direção, que nos ampare. Há exatos oito anos, nossa política econômica foi unicamente a de pegar carona no desenvolvimento alheio, sentados à esquerda dos condutores.

Chegaremos sempre ao mesmo lugar, porém sem saber como e porquê estamos lá. A chance do Brasil alcançar o crescimento econômico sustentado, como condutor do processo e sem errar o caminho, é mínima, assim como a de eu voltar sozinho ao Tremembé dirigindo meu próprio veículo.

Costumo dizer que a melhor contribuição que o carona-mor da nação deu para a economia brasileira nestes oito anos foi a de não ter contribuído absolutamente nada de fato. Ter se afastado completamente do assunto (e de suas crenças partidárias) e ter nomeado um homem decente no Banco Central talvez sejam as únicas atitudes de governo que possam ter algum louvor econômico. É inegável que os indicadores brasileiros são substancialmente melhores do que os apresentados num passado recente. Porém, nada disso foi obra deste governo. Crescemos porque estávamos na carona do crescimento mundial. Pegamos a onda do desenvolvimento, como coadjuvantes.

Assim como certamente entrarei em muitas vias tortuosas ao conduzir meu carro novamente ao Tremembé, o País não saberá voltar ao caminho do desenvolvimento sem que seja conduzido por alguém.

O próximo governo tende a querer mostrar a cara ao mundo. Vai querer assumir o volante do veículo do crescimento, mesmo com um histórico de oito anos de carona. Preciso comprar um GPS!